


MAN ZUÁ



7 O TEATRO COMO REVOLUÇÃO ARTÍSTICA: O ARKHÉTYPOS E SUAS DESOBEDEIÊNCIAS POÉTICAS

Ana Clara Veras Brito Almeida¹

RESUMO:

O seguinte artigo busca levar a cabo a reflexão acerca da metodologia de trabalho laboratorial e artística que propõe o Grupo Arkhétypos de Teatro (2010), desenvolvida primeiramente na pesquisa de Iniciação Científica (PIBIC - PROPESQ) intitulada “Aspectos Pedagógicos do Teatro Ritual” (UFRN), coordenada pelo Dr. Robson Carlos Haderchpek. Neste artigo vamos dialogar com autores e multi-artistas, tais como: Jerzy Grotowsky, Grada Kilomba, Nadja Rossana, Robson Haderchpek, Boaventura de Sousa Santos, para refletir sobre as desobediências poéticas.

Palavras-chave: teatro ritual, educação, decolonial


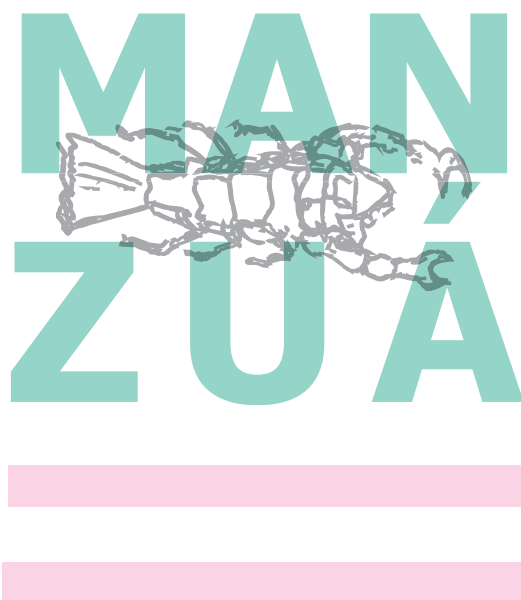
ABSTRACT:

The following article seeks to carry out a reflection on the laboratory and artistic work methodology proposed by the Arkhétypos Theater Group (2010), first developed in the Scientific Initiation research (PIBIC - PROPESQ) entitled “Pedagogical Aspects of Ritual Theater” (UFRN), coordinated by Dr. Robson Carlos Haderchpek. In this article we will dialogue and multi-artists, such as: Jerzy Grotowsky, Grada Kilomba, Nadja Rossana, Robson Haderchpek, Boaventura de Sousa Santos, to reflect about the poetics disobediences.

Keywords: ritual theatre, education, decolonial

1 - Ana Clara Veras é atriz e pesquisadora do Grupo Arkhétypos de Teatro, colaboradora do grupo de extensão da UFRN intitulado “Voz Feminina”, coordenado pela Ms. Mayra Montenegro. Participou do Terceiro Colóquio Latinoamericano de Investigación y Prácticas de la Danza (2018) com o trabalho “As danças populares brasileiras como treinamento físico do ator”. Ministrou oficinas pelo interior do RN, em Fortaleza e no México, com temáticas do Teatro do Oprimido, danças populares brasileiras e práticas sobre o exercício da escuta do ator.

MAN ZUA



Existia, não há muito tempo atrás, uma grande floresta. Tão gigante que cabia toda a existência aí, a diversidade fazia morada e os animais viviam seus dias em comunhão natural com seu mundo. Um dia houve um grande incêndio. Ninguém sabia ao certo como começou, mas todos correram, o mais rápido que podiam, desesperados partiram, galoparam por cima uns dos outros, bichos atropelando bichos. Todos fugiam para a mesma direção, longe dali. Porém um pequeno beija-flor chamou atenção por estar voando justamente para cima do fogo.

Alguns animais pararam em choque e perguntaram ao beija-flor o que estava fazendo. Muito determinado e rápido o pequeno pássaro os respondeu: “É preciso apagar o incêndio, minha casa está aqui, eu estou aqui e vou fazer a minha parte”. De pingo em pingo o beija-flor seguia lançando água com seu pequeno bico, incessantemente. Atônitos outros grandes animais ainda não entendiam e insistiam que ele também fugisse. Mais uma vez

respondeu: “Sei que não é grande coisa, mas cada gota importa”.

Começo esse artigo com esse pequeno conto para explicar de maneira muito breve o sentimento que mora dentro de mim. Essa história continua, porém prefiro retomá-la em outro momento. Agora preciso apenas lhe contar que estou fazendo a minha parte.

Minha conexão com o Arkhétypos nasceu como naturalmente nasce no Curso de Licenciatura em Teatro na UFRN, na disciplina primeira que fazemos quando entramos: Jogo e Cena I, com o prof. Dr. Robson Carlos Haderchpek. Nessa disciplina temos a oportunidade de encontrarmos com um outro fazer teatral, pra mim muito estranho e fora da minha realidade ainda escolar de teatro. Iniciar um trabalho artístico, porém não saindo de um texto teatral ou literário já construído, mas sim de nós mesmos. Foi a minha primeira vez com o teatro ritual.

Em 2017 pude fazer parte de um trabalho laboratorial desprezioso

MAN ZUÁ



ao princípio, um enorme laboratório sobre sensibilidade e coragem para ser mulher. E assim, com força e coragem, foi estreado no ano seguinte, intitulado “emTerraSer”, dirigido pela também atriz do grupo Nadja Rossana, no Museu Câmara Cascudo (Natal/RN). Foi com esse trabalho que comecei a entender meus ciclos na vida, minhas repetições, a minha individualidade e coletividade também. E entender também as liberdades que ia encontrando nessa forma de fazer teatro, neste processo ritualístico da

cena, de tempo suspenso, de repetições, de atmosfera onírica, de coletividade e performatividade.


Uma estrutura básica do Grupo Arkhétypos é a construção coletiva da cena. O processo

criativo se dá a partir das relações instauradas pelos atores, através de imagens, músicas, poemas, contos, sons e histórias, assim acessamos essa parte do nosso inconsciente que nos conecta ao que chamamos de *arquétipos*, esse padrão do comportamento humano que se manifesta ao longo de nossas decisões, atitudes e acontecimentos anteriores, e nós lhe damos forma artística na cena. Nas práticas laboratoriais do grupo Arkhétypos de Teatro possuímos alguns parâmetros básicos de trabalho em nossa



Figura 1. Laboratório de criação para o Projeto A.ME. UFRN, Natal. Ano: 2017.

MAN ZUA



metodologia, e o principal deles é o *encontro*. Quando falo de encontro recorro ao entendimento de que este é indissociável do teatro em si. O teatro existe porque existem os encontros, que são compostos de cores, olhares, intenções e total entrega dos jogadores. Como ressalta Jerzy Grotowski em seu livro “Em Busca de um Teatro Pobre”:

A essência do teatro é um encontro. Um homem que realiza um ato de auto-revelação é, por assim dizer, o que estabelece contato consigo mesmo. Quer dizer, um extremo confronto, sincero, disciplinado, preciso e total – não apenas um confronto com seus pensamentos, mas um encontro que envolve todo seu ser, desde os seus instintos e seu inconsciente até o seu estado mais lúdico. (GROTOWSKI, 1978, p. 49)

Em nossos laboratórios possuímos a busca pelos encontros como base de todas as relações. Primeiro instauramos o ambiente do jogo, através de estímulos

sensoriais, que muitas vezes são músicas, cheiros, instrumentos musicais, bacias de água, terra, folhas ou velas. Buscamos dispor no espaço catalisadores direcionados à temática do trabalho do dia, para abrir uma vasta gama de possibilidades de interações elementais. Após instaurada esta atmosfera ritualística dentro de cada um dos jogadores passamos a uma investigação do encontro consigo mesmo, a sua própria relação com você neste estado de jogo, de total abertura do seu ser. Nos tornamos seres porosos, afetados (por meio dos *afetos* sensoriais, emotivos e visuais) pelo entorno. Num segundo momento, após viver a experiência de conhecer-se dentro desse jogo ritual, abre-se a possibilidade de encontrar-se com os outros seres que estão com você nessa sala de trabalho, nessa jornada artística e íntima de investigação tanto pessoal quanto coletiva.

Somos encontro

É aqui que mora a *dramaturgia*

MAN ZUÁ



dos encontros (HADERCHPEK, 2016), conceito que tem sido trabalho no Grupo Arkhétipos há 10 anos, como nosso modo de pensar a dramaturgia teatral. Este consiste justamente em prosseguir e avançar com as práticas laboratoriais, com seu caráter ritual e improvisacional, essencialmente constituído de encontros, até chegarmos ao ponto de uma organização dramática para que a experiência seja melhor compartilhada com o público futuro.

para estarmos vivos e pulsantes. “Ninguém solta a mão de ninguém”, já ouviu falar? Não é à toa que se chama *Grupo Arkhétipos de Teatro*, pois somos uma grande rede de almas afins trabalhando e construindo juntos não somente cenas, mas histórias de vida.

“O Arkhétipos Grupo de Teatro da UFRN vem trabalhando numa perspectiva laboratorial e tem construído seus espetáculos a partir de um mergulho no universo


(...) Nesta fase de realização dos laboratórios os atores se colocam dentro do “jogo ritual” e a partir deste jogo são criadas as cenas e revelados os personagens/arquétipos que vão delinear a dramaturgia do espetáculo, dramaturgia essa que denominamos “dramaturgia dos encontros”. (2016, p.6)

O Arkhétipos não existe sozinho. Precisamos uns dos outros, precisamos de todas as mãos e todo o suor de todos os corpos



Figura 2. Foto: Tatiane Tenório. UFRN, Natal. Ano: 2016.

MAN ZUÁ



simbólico de cada ator, sempre associando a prática artística com a busca pelo autoconhecimento.” (HADERCHPEK, 2017, p. 2660). Aqui vejo dois pontos importantes a serem ressaltados no texto do coordenador do grupo, Dr. Robson Haderchpek: o respeito à individualidade do sujeito e a força do autoconhecimento. Acredito que não existe nada mais poderoso que autoconhecer-se. Quando se conhece a si mesmo possuímos uma certa propriedade sobre nós mesmos. Uma pessoa autoconsciente é uma pessoa impossível de ser dominada, controlada ou domada.

Aqui é onde sinto que o teatro ritual proposto pelo grupo me parece mais um ato de revolução artística. Que movimento rebelde e gigantesco para nossos dias atuais se transforma a prática de buscar autoconhecimento, tomar posse de si mesmo. Enquanto muitos são silenciados e outros resolvem se calar, nós aqui, nos salões de ensaio ou pátios de apresentações, decidimos gritar, cantar, explorar, dançar e especialmente escutar.

Praticamos então o ato de ouvir e ser ouvido, ser um movimento contrário à correnteza fascista que (des)comove o mundo.

Começo a entender que o trabalho do Arkhétypos é um trabalho sem escapatória, e gosto muito disso. Não tem como fugir dos encontros, que é onde mora toda nossa história. O próprio Grupo nasceu do desejo de encontrar-se com a comunidade de pescadores da Vila de Ponta Negra, em 2009, para ouvir suas histórias, conhecer seus imaginários e desbravar junto a essas pessoas teoricamente não-artistas o próprio universo. Para construir essa dramaturgia coletiva é necessário estar ao 100%, nem meio cheio, nem meio vazio: TOTAL. Existe uma beleza em dependermos uns dos outros para que esse grande ritual teatral possa acontecer. Uma arte essencial e primordialmente coletiva. Somos com os quatro cantos de uma mesa, que sustenta um belo manjar dos deuses sobre ela, equilibramos o alimento da vida juntos. Somos seres relacionais, precisamos das relações

MAN ZUÁ

para sermos e estarmos no mundo, somos atravessados a todo o tempo por milhões de relações diferentes. Cada aspecto do nosso ser aqui se torna relevante para a obra teatral, pois são nossos pequenos detalhes que constroem essa grande obra de arte que somos nós.

Seguindo na ideia da importância dos encontros no nosso trabalho, me lembro de uma frase do filme “Into de Wild” (2008), onde o personagem principal depois de viajar tantos anos sozinho pelo mundo encontra-se muitas vezes infeliz. E finalmente entende que “a felicidade só é real quando compartilhada”. Percebo a necessidade dos encontros não somente como uma alternativa à solidão, mas como reafirmação de nós mesmos enquanto seres humanos. O ritual, o teatro, o jogo são acontecimentos intrínsecos da condição humana. Chamo de acontecimentos pois entendo que são momentos únicos, irrepetíveis e efêmeros, feitos para acabar. Os encontros aqui são esses momentos raros e intensos em sua totalidade, onde podemos compartilhar nossas


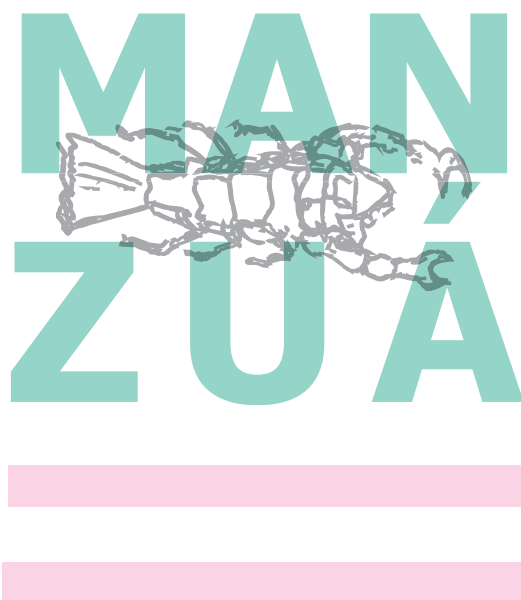


Figura 3. Foto: Carol Macedo. Espetáculo “emTerraSer”. Ano: 2018. UFRN, Natal.

vidas, nossas angústias, nossas alegrias, nossos mundos, e somente assim eles se tornam reais.

Para mim se torna primordial o encontro, em toda sua completude. Desde a possibilidade de acessar-me

MAN ZUÁ



enquanto indivíduo, relacionar-me com outros seres tão diferentes de mim, mas ainda assim que estão em total disponibilidade de jogar e criar comigo, até a organização estética de um espetáculo ritualístico.

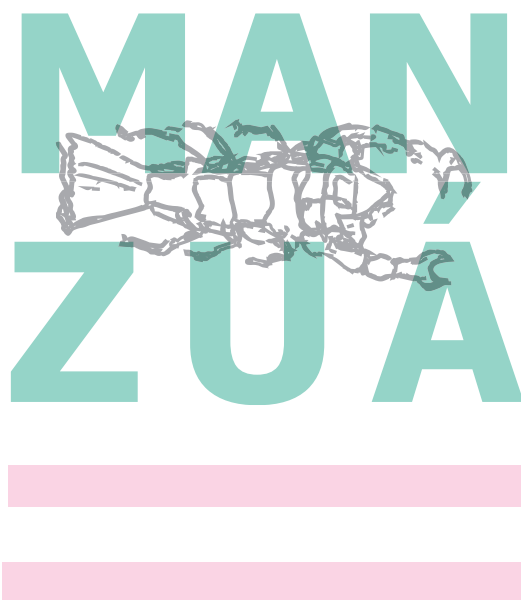
A descolonização dos saberes

Existe uma multi-artista chamada Grada Kilomba que fez uma exposição em junho de 2019 em São Paulo chamada “Desobediências Poéticas” que fala justamente sobre a descolonização dos saberes, buscando uma ideia pós-colonial do encontro com o conhecimento. Kilomba se insere como uma artista interdisciplinar ao trabalhar com leituras cênicas, instalações, performances e vídeos, além de ser autora de livros. Mulher nascida em 1968 na cidade de Lisboa com ancestralidade angolana. Como o próprio nome “*Desobediências Poéticas*” sugere, é uma exposição com um forte caráter político, que manifesta-se sobre sermos corpos e mentes desobedientes. Reintegrando a posse dos grupos

silenciados e marginalizados ao longo da história.

Trago a referência a Kilomba pois vejo uma conexão do seu trabalho com as poéticas com as quais o teatro ritual proposto pelo grupo Arkhétypos trabalha quando penso na descolonização do imaginário. Esta se dá justamente no momento em que criamos uma estrutura artística e prática para trabalharmos o nosso inconsciente de maneira liberta da ideia de que existe apenas uma forma de se pensar o mundo, essa forma colonial eurocêntrica. Aqui então nos encontramos com o afronte que é o teatro ritual nos dias atuais no nosso país. É realmente uma pedra no sapato do sistema estatal uma estruturação do conhecimento que não seja a caixa limitante da sociedade capitalista completamente produtivista, onde não há tempo para olhar para o outro, para si, e refletir sobre o lugar onde se está inserido. Apenas produzir e silenciar, tornar máquina o ser. Nosso fazer é uma desobediência. Grada Kilomba questiona com sua obra exatamente quem são aqueles que podem falar,

MAN ZUÁ



sobre o que podem falar e quando. No jogo ritual todos tem sua voz e vez, todos falam, gritam e cantam, como e quando quiserem.



Aqui criamos um tipo de incubadora do que chegará à sociedade para enfrentar novas barreiras. Fazemos parte da criação de seres políticos. Buscamos essa liberdade de uma criatura para descobrir o mundo da sua maneira. Com seus olhares, com tempo para ver, com a sensibilidade que lhe pertence. Uma vez ouvi do mestre holístico Ikky Medeiros da Comunidade Afago de Fortaleza sobre quem são as pessoas inteligentes nesse mundo. Para ele a inteligência está intimamente conectada com a sensibilidade que desenvolvemos e praticamos no nosso dia a dia. A pessoas mais inteligentes são as mais sensíveis. São as pessoas capazes de lidar com as adversidades e com as simplicidades com muito tato, percepção, compreensão e força. Praticar a sensibilidade assim como os vários ângulos de ver e perceber o mundo é uma forma de tirar o poder dos dominantes. Ação de dar

esse tipo autonomia para o outro é um ato revolucionário.

Entramos no que podemos chamar de “pedagogia da descolonização do imaginário”. Entendendo que a forma escolar de legitimar o conhecimento é uma provação do conteúdo e não sua habilidade de dialogar, de ser e estar no mundo, questiono: Qual é a real utilidade desse ensino, de forma prática e existencial? É aqui que o teatro ritual mostra-se preciso, cria-se exatamente o espaço da possibilidade para se encontrar outra maneira de buscar o conhecimento. O professor Boaventura de Sousa Santos, em uma entrevista acerca de seu projeto ALICE, explica:

Esse projeto é basicamente sobre a ideia de que existe no mundo uma variedade imensa de experiências inovadoras, e estas experiências não são muito conhecidas no Norte Global (...). E estas experiências, muitas delas vindas de regiões onde estiveram submetidas ao colonialismo europeu, por vezes, são de fato, formas de resistência as formas de

MAN ZUÁ



opressão que foram criadas pelo colonialismo, e mais tarde pelo capitalismo e o imperialismo.²

Assim, entendendo o mundo como um universo fértil em diversidade de compreensão e formas de ser e estar no mesmo, porém sabendo que esse fato ainda não foi aceito por boa parte do planeta é lógico que causamos desconforto com essa educação teatral diferenciada sobre si, sobre as relações, sobre as possibilidades de existir no mundo, nesse processo de produção de conhecimento que dá espaço à expansão do ser. Aqui é quando nos tornamos desobedientes ao sistema, e por consequência ser desobediente ao sistema é ser criativamente transgressor.


O teatro ritual proposto pelo Grupo Arkhétypos de Teatro nos disponibiliza um lugar para a leitura sensível do ser humano ao permitir um tipo de suspensão temporal em sua sala de trabalho, podemos penetrar em outro tempo e espaço.

Vivemos uma construção coletiva espetacular, em situação tal que nos dá a possibilidade de compartilhar a própria existência, de conectar-se social, emocional, fisicamente com os presentes. Digo presentes, e não “participantes” pois entendo que para estar inserido no jogo ritual é impossível não estar vivendo no tempo presente, no aqui e agora. Presente também por implicar em uma realidade de presentear, de entregar com intenção e afeto algo a alguém. Nós a nós mesmo, aos colegas de trabalho assim como ao público.

Esse tipo de prática ritualística é transgressora por si só, por todos esses fatores que acabo de mencionar, e provavelmente por vários outros que ainda não sou capaz de perceber. Artisticamente o Arkhétypos e todos os seus atores me deram de presente suas vidas, seus saberes, suas experiências e todo seu afeto. Afetada deixo aqui eternizada em palavras minha eterna gratidão a todas as minhas

2 - Entrevista com Boaventura de Sousa Santos, dia 19/11/2012. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=-GYsiOpkC6I>. Acesso em: 10/10/2019.

MAN ZUA



irmãs e irmãos de arte, que me impulsionam ao encontro comigo e com o mundo, ao longo caminho do autoconhecimento que o teatro pode nos proporcionar. O convite está aberto, as portas e os braços também para que venham todas, todos e todes revolucionar.

REFERÊNCIAS

GROTOWSKI, Jerzy. **Em Busca de um Teatro Pobre**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira: 1978.

HADERCHPEK, Robson Carlos. A Poética dos Elementos e a Imaginação Material no Processos de Criação do Ator: Diálogos Latino-Americanos. In: **Memória ABRACE XVI** – Anais do IX Congresso da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas. Anais. Uberlândia (MG) UFU, 2017. P. 2645-2664.

_____. O jogo ritual e as pedagogias do Sul: práticas pedagógicas para a descolonização do ensino do teatro.

Revista Moringa - Artes do Espetáculo. João Pessoa, UFPB, v. 9 n 1, jan./jun. 2018, p. 55 a 65.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. **Entrevista sobre Alice (PT, Completa)**. Novembro, 2012.

SOUSA, Nadja Rossana Lopes de. **A.M.E - Arte, Método e Espiritualidade: Processos de Criação Cênica Inspirados pela Educação em Valores Humanos**. Dissertação no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – UFRN. Natal, 2019.